

CLIVAGEM SOCIAL NA POESIA TROVADORESCA GALEGO PORTUGUESA DE ESCÁRNIO E DE MALDIZER¹

SOCIAL CLIVING IN THE PORTUGUESE GALEGO TROVADORESCA POETRY OF SCARN AND MALDIZER

Wendel de Souza Borges² (UFCAT)

RESUMO: O objetivo do presente estudo é uma abordagem histórica das relações interpessoais no período entre os séculos XII e XIV, com ênfase na clivagem social e sua inserção no discurso do Trovadorismo galego-português. De modo a investigar como a distinção das figuras do trovador, do jogral e do segrel representava socialmente as relações de poder que caracterizam a Idade Média. No intuito de alcançar resultados foi realizada a análise de cantigas satíricas presentes no livro **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses**, de Graça Videira Lopes, e ainda, recorrendo à base de dados on-line do projeto **Littera, edição, atualização e preservação do património literário medieval português**, organizado por Graça Videira Lopes e Manuel Pedro Ferreira, em acordo com os conceitos de representação social e história cultural. O estudo demonstrou que a relação de poder existente no cenário medieval e motivo de discórdia entre as classes, encontrava enlevo entre os artistas da época que, corroborando práticas sociais vigentes, provocavam o riso.

Palavras-chave: Idade Média. História. Literatura. Trovadorismo. Clivagem Social.

ABSTRACT: *The aim of the present study is a historical approach to interpersonal relationships in the period between the 12th and 14th centuries, with an emphasis on social cleavage and its insertion in the Galician-Portuguese troubadour discourse. In order to investigate how the distinction between the figures of the troubadour, the game and the segrel socially represented the power relations that characterize the Middle Ages. In order to achieve results, the analysis of satirical songs in the book **Songs of mockery and curse of the Galician-Portuguese troubadours and jewels** by Graça Videira Lopes was carried out, and also, using the online database of the **Littera project, edition, updating and preservation of the Portuguese medieval literary heritage**, organized by Graça Videira Lopes and Manuel Pedro Ferreira, in accordance with the concepts of social representation and cultural history. The study demonstrated that the power relationship existing in the medieval scene and cause for discord between the classes, found excitement among the artists of the time who, corroborating current social practices, provoked laughter.*

Keywords: *Middle Ages. History. Literature. Troubadourism. Social Cleavage.*

¹ Texto parcialmente apresentado em dissertação de título de mestre em História Cultural.

² Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Atualmente, é doutorando em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Catalão (UFCAT). E-mail: wendelsborges709@gmail.com

Introdução

As distinções sociais são uma constante nas sociedades ocidentais, de modo a estabelecer modelos sistêmicos de exclusão e segregação que reforçam o imaginário das elites e das classes baixas, intentando a permanência da ordem social vigente. Ante a essa perspectiva, a Idade Média galego-portuguesa corroborou, através da arte poética, formas de sujeição individual e categóricas para estabelecer clivagens entre os trovadores, jograis e segréis, tal qual eram aparentes as próprias distinções na sociedade do medievo.

Para tanto, é necessário compreender certas mudanças nessa sociedade, uma vez que o período que se estende entre os séculos XII e XIV foi deveras profícuo para a organização e consolidação dos estados ibéricos. Apesar de alguns retrocessos, como a invasão do Califado Almóada em 1187, uma parte considerável da península estava já nas mãos da cristandade que continuava um processo expansionista meridional.

Consequentemente, as fronteiras geográficas e linguísticas do que viriam a se tornar países começavam a se delinear mais claramente, sustentadas, por exemplo, com o povoamento de regiões pouco habitadas, como o Algarve, em Portugal e pelo deslocamento entre as cortes de membros da nobreza ibérica (COELHO, 1996, p. 274; SANTOS, 1997, p. 21-22).

Em nível linguístico: a língua galego-portuguesa, antes, meramente oral, começa então a aparecer em documentos de caráter jurídico, administrativo e artístico, até que, no século XIII consolida-se como língua corrente em Portugal e na Galiza.

Todas essas mudanças vieram ratificar um poderio já instituído, representado, sobretudo, pela acessibilidade, em específico, à terra e à cultura (entendida aqui como conhecimento).

A terra destinava-se à nobreza e ao clero (MARREIROS, 1996, p. 185) que, laureados por ritos de vassalagem, heranças e doações, envergavam um caráter de dominância sobre a maioria da população que não a possuía. A essa grande massa anônima, cabia o trabalho, como dependentes ou assalariados, em terras régias ou senhoriais.

O clero ainda encabeçava os pontilhões do ensino e do saber com as escolas monacais, cujo terceiro escalão da sociedade tripartida raríssimas vezes tinha acesso. As ordens clericais também ainda insistiam no latim como língua da cultura letrada; e esse idioma, dominado por poucos da nobreza, frequentemente analfabeta, abria um abismo

intelectual entre as categorias superiores, no entanto, essa mesma nobreza, percebendo esse vão, começava a aspirar e necessitar da educação e até, de erudição (VENTURA, 1996, p. 222).

Isto é, o fortalecimento e a segurança das casas da nobreza com as alianças – reforçadas, muitas vezes, por matrimônios – e pela Reconquista cristã, propiciaram um renascimento da cultura e uma valorização do conhecimento. Em detrimento, a camada baixa da sociedade calcada em uma cultura tradicional de expressão oral e que não tinha acesso à educação formal mantinha-se ainda distante do saber instituído, o que alargava ainda mais o precipício existente entre as ordens sociais. O povo enfrentava as labutas diárias, as adversidades e extrema pobreza (FILHO, 2009, p. 2).

Essa categoria social *majoritária* foi observada e teve sua presença sentida durante a contemporaneidade medieval pelas elites, que pensavam os pobres de duas maneiras: “Primeiramente, como condição necessária à prática da caridade cristã; em segundo lugar, como algo que causa repulsa e deve ser escondido” (FILHO, 2009, p. 2).

Em sua obra, **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval** (1990), Le Goff destina um capítulo a abordar os excluídos, *os marginalizados no ocidente medieval*, como uma vasta gleba de indivíduos, cuja representação se dá, utilizando-se do plural, em categorias sociais; afirmando que, embora não exista um limite rígido entre os diversos tipos de excluídos, eles podiam assim ser classificados:

- a) Os excluídos ou destinados à exclusão: são os criminosos (ladrões e bandidos, *fures e latrones*), os errantes, os estrangeiros, as prostitutas, os suicidas, os hereges;
- b) Os desprezados: os ofícios “desonestos” como de magarefe, tintureiro, mercenário, etc, os doentes, os enfermos e os pobres, as mulheres, as crianças, os velhos, os bastardos;
- c) Os marginalizados propriamente ditos: os desclassificados (por exemplo, os cavaleiros pobres), os loucos, os pedintes, os usurários (muito próximos, estes últimos, da categoria dos excluídos);
- d) Os marginalizados imaginários: as maravilhas geográficas, os monstros, [...] o homem selvagem (LE GOFF, 1990, p.171).

É perceptível então que, a sociedade medieval guarnecia-se de distinções e uma vez que seus valores eram alicerçados, sobretudo em um caráter religioso, com ideais de

pureza e ascetismo, tudo o que escapasse a algo sacralizado causa estranhamento, repulsa “e condena as posições intermédias, acabando por dar origem a um autoritarismo que sacraliza as autoridades (auctoritates)” (LE GOFF, 1990, p. 172); assim, as relações interpessoais constituem-se, mormente, por meio de hierarquizações e clivagens sociais, consumando o poder do alto clero e da alta nobreza e “a condenação dos vagabundos, dos errantes, das pessoas sem eira nem beira, dos indivíduos sem morada fixa, assim como dos socialmente instáveis, dos desclassificados e dos decaídos” (LE GOFF, 1990, p. 172).

Então, nos anos correntes entre as centúrias XII e XIV, a Europa ocidental, imbuída fortemente do espírito cristão e da organização socioeconômica feudal, assiste, por um lado a consolidação de cortes régias – como a dos reis Afonso III e D. Dinis, de Portugal e a de Leão e Castela, dos reis Fernando III e Afonso X – e senhoriais – de D. Rodrigo Gomes de Trastâmara, de D. Lopo Dias de Haro, de D. Telo Afonso de Meneses e Albuquerque e ainda a dos Cameiros – e como parte desse processo uma ostensiva sujeição dos grupos sociais de baixa ordem.

Com o poderio econômico das casas feudais e com o intenso deslocamento humano entre essas cortes régias e senhoriais as trocas culturais se avolumaram resultando, como já dito, na necessidade de construir uma erudição para ascender a essa amálgama de sujeitos que se ligam a esses espaços sociais. Necessidade – por fazer da erudição meio de distinção e ascensão social.

Assim, as cortes foram lugares abertos a todos os tipos de eruditos e artistas e, nesse propício ambiente que as cantigas trovadorescas medievais galego-portuguesas floresceram e frutificaram por 150 anos, de fins do século XII a meados do século XIV. Legando-nos várias e variadas cantigas, tendo como principais as de amor, de amigo e, ainda, as satíricas de escárnio e de maldizer.

O que não se pode negar é que o Trovadorismo enquadra-se em uma ideia de movimento literário-musical que, não restrito apenas ao âmbito ibérico, disseminou-se por todo espaço latino-medieval, isto é, “as forças poéticas do hemisfério românico estão iniciando a sua individualidade literária, mas evidenciam nítidos laços de comunidade” (SPINA, 1974, p.13).

Aqui, neste artigo, não nos deteremos nos dois primeiros gêneros – as cantigas de amor e as cantigas de amigo – a não ser para breves comentários que ajudem a corroborar as

proposições a que temos aventado, pois o intuito é o uso das cantigas satíricas para a investigação de elementos históricos que demonstrem práticas sociais vigentes no período abordado, uma vez que, “se os cantares d’amor galego-portugueses nos mergulham numa atmosfera ideal porque literatura palaciana, convencional e puramente intelectualizada, os cantares de escárnio e maldizer nos atiram violentamente na vida real do tempo” (SPINA, 1971, p. 137).

Metodologia

Ao investigar as cantigas satíricas, às quais tive acesso por meio do livro **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses**, de Graça Videira Lopes (2002), e ainda, recorrendo à base de dados on-line do projeto **Littera, edição, atualização e preservação do património literário medieval português**, organizado por Graça Videira Lopes e Manuel Pedro Ferreira, o que se pode notar é a variedade de temas que elas abordam, nada escapava do olhar e da língua ferina daqueles que as compunham e cantavam, pois vale aqui ressaltar que a poesia medieval não era desvinculada da música e conseqüentemente do ato de cantar que, transsubstanciava-se em palácios e feiras, atingindo uma variada gama de espectadores, em panegíricos espetáculos, centrados no texto, na música e nos gestos.

Em meio a essa ramagem temática é interessante observar a pertinência do tratamento discriminatório que ensejava as cantigas de escárnio e maldizer, sejam em alusões à nobreza, ao clero e ainda, sobretudo, às classes populares como servos, vilões, soldadeiras e jogralesas, “de fato estas cantigas apresentam, do ponto de vista sociológico, não estético, um interesse maior que o das outras formas da poesia lírica, em virtude do seu conteúdo informativo – histórico e social” (SPINA, 1974, p.17).

Interessante é notar que, os grupos sociais eram satirizados como agrupamentos em si, no entanto, os sujeitos eram também alvos de crítica, embora, muitas vezes, como representações da ordem social à qual pertenciam. Assim, a crítica endereçada à personagem histórica revela as relações vigentes entre as categorias sociais e as relações de poder que ali se exerciam (DUBY, 1989, p. 59).

Decorrendo assim na instauração de preconceito. Sendo este um objeto da evolução - quando trazemos essa ideia para um ambiente natural - uma vez que reforça a unidade do grupo de modo a garantir a sobrevivência dos indivíduos excluindo aqueles considerados não aptos a contribuir com a prevalência social, isto é, indivíduos que apresentam fraquezas relativas à caça, para os predadores, ou capacidades de proteção e reprodução, são, evidentemente, banidos e sem o apoio do grupo estão fadados à morte e à extinção.

Todavia, quando transferimos esse contexto para a condição humana, o engulho agrava-se, pois as características referentes ao uso do pensamento e seus impactos no sentir e na mentalidade, fazem-se avassaladores, classificando sujeitos e estigmatizando agrupamentos sociais, de modo a elevar certos grupos em detrimento de outros que são vistos e, pior, se veem, como párias, marginalizados, tendo como premissas de marcação o modo de produção em vigor, a etnia, a religião, etc. Aí se instituem a discriminação e o preconceito.

Nas cantigas de escárnio e de maldizer, diferentemente do que ocorre na prosa oficial, o discurso se faz *real*, uma vez livre das amarras que ditam as convenções sociais, assim, em uma linguagem que não ostenta os trajes do discurso autorizado, ousa atestar historicamente meandros da mentalidade vigente no medievo galego-português. (BARROS, 2011, p. 3). Então, se em documentos oficiais certos assuntos eram proibidos, motivos de punição ou simplesmente ignorados, nas satíricas galego-portuguesas eram prementes e modos de deboche e riso. Entre os cristãos ibéricos a poesia satírica encontrou imenso respaldo. (ROBL, 1980, p. 8). Havia, então, um ensejo natural no modo de trovar ibérico que descambava para a espontaneidade do discurso, impelindo o compositor-cantor a dizer aquilo que, na maior parte do tempo, era opacizado no discurso social (FOUCAULT, 1996, p. 8-11).

Resultados e Discussão

Assim, o discurso presente na poesia satírica medieval galego portuguesa servia também para perpetrar fortes raízes, cuja conotação distintiva de grupos ecoava na amplitude espacial e temporal ibérica reafirmando sempre o lugar que cada indivíduo ocupava e onde cada respectiva categoria deveria estar, condicionando o imaginário social à manutenção do status quo, ou seja, “ essa literatura correspondeu a uma realidade vivida na Idade Média

BORGES, Wendel de Souza. CLIVAGEM SOCIAL NA POESIA TROVADORESCA GALEGO-PORTUGUESA DE ESCÁRNIO E DE MALDIZER.

Ocidental, inclusive na Península Ibérica, além de ter servido também de suporte ao comportamento social aristocrático” (SANTOS, 1997, p. 21). Isso é perceptível, por exemplo, na composição *Abril Peres, muit'hei eu gram pesar*.

Abril Peres, muit'hei eu gram pesar
da gram coita que vos vejo sofrer,
ca vos vejo come mi lazerar
e nom poss'a mi nem a vós valer,
ca vós morredes come eu d'amor;
e pero x'est a mia coita maior,
dereito faç'em me de vós doer.

- Dom Bernaldo, quero-vos perguntar
com'ousastes tal cousa cometer
qual cometestes em vosso trobar:
que vossa coita quisestes pôer
com a minha; que, quant'é mia senhor,
Dom Bernaldo, que a vossa melhor,
tanto me faz maior coita sofrer.

- Abril Peres, fostes-me demandar
de tal demanda, que resposta nom
há i mester, e convém de provar
o que dissestes das donas; entom
enmentêmo-las, e sabê-las-am,
e, poilas souberem, julgar-nos-am;
e vença quem tiver melhor razom.

- Dom Bernaldo, eu iria enmentar
a mia senhor, assi Deus me perdom,
se nom houvesse med'em lhe pesar,
eu a diria mui de coração,
ca ãa rem sei eu dela, de pram:
que, pois la souberem, conhocer-lh'-am
melhor ca quantas [e]no mundo som.

- Abril Peres, os olhos enganar
vam homem das cousas que gram bem quer;
assi fezerom-vos, a meu cuidar,
e por seer assi com'eu disser:
se vós vistes algũa dona tal,
tam freiosa e que tam muito val,
mia senhor é, ca nom outra molher.

- Dom Bernaldo, quero-vos conselhar
bem, e creede-m'en, se vos prouguer:
que nom digades que ides amar
bõa dona, ca vos nom é mester
de dizerdes de bõa dona mal
- ca bem sabemos, Dom Bernaldo, qual
senhor sol sempr'a servir segrel³. (BONAVAL; PERES, 2002, p. 24-25)

³ Abril Peres, tenho grande pesar / do grande sofrimento em que o vejo / pois o vejo sofrer como eu / e não posso nem a mim nem a você valer / pois você morre como eu de amor / mesmo que meu sofrimento seja maior / e

Nesta tenção de amor, com sabor de escárnio, Abril Peres, depois da *disputatio* verbal com Dom Bernaldo, sobre as *coitas d'amor* e sobre as benesses de suas respectivas *senhor*, desferiu um golpe fatal ao findar sua copla, afirmando a condição artística desse que *sempr'a servir segrel* em detrimento daquele que por sua vez era um trovador.

Assim sendo, dentro do microcosmo artístico que desempenhava suas funções seguindo as regras da “arte de trovar”, existiam categorias marcantes que Moisés (1972, p. 31), assim, define,

(...) o trovador era o artista completo: compunha, cantava e podia instrumentar as cantigas; as mais das vezes, era fidalgo decaído. *Jogral* era uma designação menos precisa: podia referir o saltimbanco, o truão, o ator mímico, o músico e até mesmo aquele que compunha suas melodias; de extração inferior, por seus méritos podia subir socialmente e ser tido como trovador. *Segrel* designava um artista de controvertida condição: colocado entre o jogral e o trovador, era o trovador profissional, que ia de Corte a Corte interpretando cantigas próprias ou não, a troco de soldo. *Menestrel* era como se chamava o músico da Corte.

Essa disposição enunciativa, conforme Santos (1997, p. 16), sugere também uma disposição hierárquica social.

Dessa forma, nessa cantiga, composta em seis coplas, o enunciado final é pertencente àquele cuja categoria social prevalece sobre o outro, expondo, do alto de seu lugar de fala para uma audiência socialmente variada, a condição de sujeição dentro do cenário artístico e social que reinava durante a Idade Média.

E embora a designação trovador, “trovador” do occitânico, pretenda ser ampla, no sentido de tentar abarcar e generalizar semanticamente o poeta-cantor, há uma distinção categórica desses sujeitos, sendo esse a casta mais elevada em relação ao jogral e ao segrel,

com razão de você tenho pena / Dom Bernaldo, quero perguntar-lhe / como ousas tal coisa fazer / tal qual fez no seu trovar / que o seu sofrimento confrontasse / com o meu; sendo a minha senhora/ Dom Bernaldo / melhor que a sua / o meu sofrimento, portanto, é maior / Abril Peres, perguntou-me / e tal pergunta cuja resposta não / é necessária e convém provar / o que disse das donas, então / falemos delas e (a audiência) as conhecerá / e vença quem tiver razão / Dom Bernaldo, eu iria mencionar / a minha senhora, assim Deus me perdoe / se isso não me desagradasse / a revelaria de bom grado / pois uma coisa sei eu dela, com certeza / porque se a conhecerem saberá / que é a melhor que há no mundo / Abril Peres, os olhos enganam / os homens das coisas que quer bem / assim fizeram-no, no meu entender / e por ser assim como eu disse / se vir alguma dona / tão formosa e com tamanho valor / é minha senhora, não outra mulher / Dom Bernaldo, quero aconselhar-lhe / bem, e acredite-me, se lhe aprouver / não diga que irá amar / boa dona, pois não vale a pena / o que diz é mal de uma boa dona / pois bem sabemos, Dom Bernaldo, que / o senhor sempre vai servir como segrel. Versão realizada conforme o glossário galego-português em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>

não só no sentido artístico, mas, sobremaneira, no quesito socioeconômico, como atesta a biografia dos dois contendores⁴.

Ainda que as biografias deixem lacunas quanto as identidades históricas dos dois combatentes, é conveniente apontar a representação da personagem “Dom Bernaldo” em outras cantigas, também como motivo de sátira, a ver *Bernal Fendudo, quero voz dizer* (2002, p. 197), de João Baveca e *Dom Bernaldo, pois tragedes* (2002, p. 374), de Pero da Ponte, jogral e trovador, respectivamente, o que reforça o imaginário quanto a baixa qualificação social e artística do segrel aventado.

O próprio ideário do amor cortês fermenta o processo distintivo de grupos sociais na relação vassálica entre a “senhor” e o poeta, “nesse caso um obstáculo ainda mais intransponível por ser socialmente inacessível”, tanto que, nessa tenção, o nome das damas são resguardados, como nas cantigas de amor, à guisa de “não arriscar-se ao perigo de que este amor seja descoberto e que isto acarrete no fim da relação amorosa ou abale a reputação da dama” (BARROS, 2005, p.6). E ainda, pode-se entender também, como um meio de resguardar a dama do inconveniente de uma relação com um sujeito categoricamente desprovido de status e riquezas.

Já em duas cantigas de maldizer do trovador Martim Soares endereçadas ao jogral Lopo é perceptível o *modus operandi* social medieval utilizando-se da vestimenta e da linguagem como condições de clivagem e exclusão.

Porque o veem atal, *desaguisado*,
Non’o preçam nen’o querem temer.
(SOARES, 2002, p. 315. Grifo nosso)

Na cantiga *Com alguém é ‘qui Lopo desfiado*, o enunciado “desaguisado” refere-se à vestimenta do jogral como sinal distintivo de modo a estigmatizá-lo, como eram estigmatizados os *saccati*⁵, os judeus e os leprosos. Suscitando a ideia de que o jogral não tinha valia nem era temido por sua condição artística e social. Ou seja, “a hierarquia social patenteava-se, no exterior, pelo vestuário, na qualidade e quantidade dos tecidos e no feitio,

⁴Bernal de Bonaval - Abril Peres: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/listaautores.asp>

⁵ Ordem mendicante suprimida pelo segundo Concílio de Lião, em 1274, cuja vestimenta assemelhava-se a um saco. (LE GOFF, 1990)

tamanho e adorno das vestes se visualizavam todas as gradações de honra e riqueza.” (COELHO, 1996, p. 303)

Já em *Foi um dia Lopo jogar*, (SOARES, 2002, p. 317. Grifo nosso)

Foi um dia Lopo *jogar*
A cas dum infançom cantar
[...]
E mais merece o *jograrom*⁶

Martim Soares utiliza-se de termos como *jogar* e *jograrom*, conforme Lopes; Ferreira et al (2011, on-line⁷), jogralão “é um aumentativo depreciativo de jogral”, como forma de escarnecer o interlocutor, sendo esses enunciados utilizados também pela “Egreja catholica [que hostilizava a baixa categoria dos poetas] dando nomes infamantes (...), taes como Joculatores (jograes) Ministerales (Menestréis).” (BRAGA, 1909, p. 159-160)

Fica, então, claro que o signo verbal, não podendo desconsiderar o seu caráter ideológico, revela que o indivíduo carregava a insígnia da categoria que a sociedade lhe impunha e que, a todo o momento, forcejava-o a aceitar a despeito de possíveis esforços que o impelissessem a almejar uma categoria superior.

Logo, ainda que houvesse uma permissividade na participação de um segrel ou menestrel como cantor e mesmo compositor, naquilo que Barros (2006, p. 28) denomina de “arena dos trovadores”, as clivagens e o ressaltar da hierarquia eram uma prática constante e flagrante, tal qual se portava com a parcela pobre da sociedade, ocorria o mesmo com jograis e segréis, mantinham-nos perto para reforçar o imaginário da distinção.

Dessa forma, as categorias de artesãos poéticos presentes na arte trovadoresca são marcadas pela distinção como a própria sociedade na qual estavam inseridas e se no âmbito medieval a palavra discriminação ainda não fosse utilizada com a carga semântica que se apresenta hoje, a prática era uma constante, se perseverarmos na ideia de uma sociedade onde eram ostensivas as divisões sociais. Segundo Le Goff (2013, p.115), “toda sociedade tem sua hierarquia social – reveladora de suas estruturas e da sua mentalidade”. E assim, procedeu-se tanto na Idade Média, quanto nas eras vindouras.

⁶ Foi um dia Lopo, o jogral / a casa de um infanção cantar / e mais merece um jogralão. Versão realizada conforme o glossário galego-português em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>

⁷ <http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1397&tr=4&pv=sim>

Considerações finais

Portanto, algumas considerações podem ser aqui aventadas: ao longo da história, as classes sociais menos abastadas, seja da posse da terra, seja do conhecimento, sofreram e pereceram ante os infortúnios impostos pelo estrato social mais alto, sendo relegadas à condição de assujeitadas e a poesia trovadoresca medieval galego portuguesa foi utilizada como uma via de mão dupla: tinha o seu discurso orientado pela mentalidade medieval e por outro lado, sua prática discursiva influenciava as práticas sociais. Daí sua importância como literatura, como registro histórico de uma época, como objeto de estudo e como legado sociocultural para as sociedades, sobretudo as de língua galega e portuguesa.

Então, pode-se afirmar que o gênero satírico de escárnio e de mal dizer configura-se como uma representação da sociedade medieval, pois retrata os básicos instintos inerentes à raça humana, como os vícios, a inveja, o rancor, o ódio, a usura, o sexismo, a discriminação, dentre outros que estão abertos e carecem de maior investigação. Ironicamente, os outros cantares, respectivamente, de amor e de amigo, e os textos oficiais jurídicos e eclesiásticos, mostram uma sociedade sempre idealizada.

Assim, é necessário que o fazer histórico e a própria história, como ciência transformadora, se façam presentes na vida das pessoas, de modo a levá-las a perceber que a história e a sociedade, não desvinculando uma da outra são, muitas vezes, erigidas por mudanças, mas também por práticas e permanências a todos os capitulares históricos e, sob o ponto de vista da longa duração proposto por Fernand Braudel (1992, p. 25), mantém-se ativas na contemporaneidade, caso esse da discriminação, sendo esta, muitas vezes, mais terrível do que o que nos é posto a conhecer.

Perceptível ainda na sociedade contemporânea, fruto do pensamento preconceituoso, a ação discriminatória abraça com seus amplos tentáculos um vasto rol de situações, não poupando as etnias, as religiões, os gêneros, os ofícios, as nacionalidades e, sobretudo, as classes sociais. Ora sutil ora explícita, deprecia o indivíduo de modo a excluí-lo do processo político, econômico, cultural e social.

Desse modo, faz-se necessária a construção de uma consciência histórica, proporcionando ao indivíduo uma percepção temporal deste e de tempos idos proporcionando uma reflexão sobre sua condição histórica e sobre a história da sociedade na qual está imbuído, à guisa de transformar o assujeitado em sujeito e o anônimo em protagonista.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. A Prostituta Como agente de Circularidade no Trovadorismo Ibérico (Séculos XIII e XIV). In. **Revista Ártemis** ISSN 1807-8214, Vol.2. Julho, 2005. <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2350> Acesso: 27-7-2019.

_____. O trovadorismo medieval ibérico e a violência simbólica – séculos XIII e XIV. In. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 2, p. 25-42, dezembro 2006. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article>. Acesso: 13-07-2019.

_____. Poesia trovadoresca e história – sobre o tratamento da poesia trovadoresca como fonte histórica. In: **Revista Tempo de Conquista**. Julho, 2011. Disponível em <http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC9/JOSEDASSUN%C3%87AOBARROS.pdf> Acesso:17-07-2019.

BRAGA, Theóphilo. **História da Litteratura Portuguesa: Edade Média**. Porto: Chardron, 1909.

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: **Escritos sobre a História**. Lisboa: Perspectiva, 1992.

COELHO, Maria H. da Cruz. O povo – a identidade e a diferença no trabalho. In: SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira. **Nova História de Portugal: Portugal em definição de fronteiras (1096 – 1325) – do condado portugalense à crise do século XIV**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa. Ed. Estampa, 1994. <http://meridianum.ufsc.br> Acesso: 23-06-2016

FILHO, Cyro de Barros Rezende. Os pobres na idade média: de minoria funcional a excluídos do paraíso. In: **Revista Ciências Humanas** – Universidade de Taubaté (UNITAU) – Brasil – vol. 1, n. 1, 2009. Disponível em <http://www.unitau.br/revistahumanas>. Acesso: 27-06-2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval**. Edições 70. 1990.

_____. **Para uma outra Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOPES, Graça Videira. **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses**. Editorial Estampa. Lisboa. 2002.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. (2011), **Cantigas Medievais Galego Portuguesas** [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt> Acesso: 10-6-2019.

BORGES, Wendel de Souza. CLIVAGEM SOCIAL NA POESIA TROVADORESCA GALEGO-PORTUGUESA DE ESCÁRNIO E DE MALDIZER.

MARREIROS, Maria R. Ferreira. Poder sobre a terra – suporte socioeconômico dos grupos sociais. In: SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira. **Nova História de Portugal: Portugal em definição de fronteiras (1096 – 1325) – do condado portugalense à crise do século XIV**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo. Editora Cultrix. 1972.

PESAVENTO, Sandra J. Representações. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Contexto, vol.15, nº 29, 1995.

ROBL, Affonso. As cantigas d'escárnio e maldizer. In: **Letras** (29), 1980. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19403> Acesso: 28-06-2019.

SANTOS, Dulce O. A. dos. **O corpo dos pecados: representações e práticas socioculturais femininas nos reinos ibéricos de Leão, Castela e Portugal (1250 – 1350)**. 1997. 312 f. Tese de doutoramento em história – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SPINA, Segismundo. **Manual de versificação românica medieval**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.

_____. **Presença da Literatura portuguesa – I: Era Medieval**. Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1974.

VENTURA, Leontina. A nobreza – da guerra à corte. In: SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira. **Nova História de Portugal: Portugal em definição de fronteiras (1096 – 1325) – do condado portugalense à crise do século XIV**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

REFERÊNCIAS DAS CANTIGAS

BONAVAL, Bernal; PERES, Abril. Abril Peres, muit'hei eu gram pesar. In: LOPES, Graça Videira. **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses**. Editorial Estampa. Lisboa. 2002.

SOARES, Martim. Foi um dia Lopo jogar. In: LOPES, Graça Videira. **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses**. Editorial Estampa. Lisboa. 2002.

_____. Com alguém é 'qui Lopo desfiado. In: LOPES, Graça Videira. **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses**. Editorial Estampa. Lisboa. 2002.

Recebido em 26/02/2020
Aprovado em 27/04/2020